

# O DOMINGO

SEMÁNARIO REPUBLICANO RADICAL

**Assinatura**

Ano, 1\$; semestre, \$50. Pagamento adiantado.  
Para fóra: Ano, 1\$20; semestre, \$60; avulso, \$02.  
Para o Brazil: Ano, 2\$00 (moeda forte).

PROPRIETARIO-DIRETOR—José Augusto Saloio

**REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA**

(Composição e impressão)

RUA CANDIDO DOS REIS — 126, 2.º

ALDEGALEGA

**Publicações**

Anuncios, \$04 a linha.  
Anuncios na 4.ª pagina, contrato especial. Os autógrafos não se resutuem quer sejam ou não publicados.

ADMINISTRADOR—MANUEL T. PAULADA

EDITOR—HENRIQUE B. TAVARES

## Utilização prática dos animais.—Cães sanitários

Clovis Hugues disse muito bem que «animais inferiores» eramos nós quando não apreciavamos e estimávamos aqueles que se designam por aquela forma.

Sempre nos pareceu, eféctivamente, pouco boa maneira de sublinhar a nossa «superioridade» olhando com desdém, quiçá com desprezo, para essa multidão de seres vivos que nos cercam, nos servem, nos auxiliam e não poucas vezes nos amam e nos aforçozeiam a existencia.

N'essa multidão sobressai um animal que, mais que nenhum outro, tem juz á nossa estima e á nossa consideração, mas que entre nós para pouco mais serve ainda que para levar pedradas dos garotos (pequenos e grandes; sem e com gravata) e para ingerir bolos venenosos da autoridade, que por sinal o deixou descuidadamente nascer e crescer.

(Entre nós ainda não abriu carreira o velho prolóquio em virtude do qual a gente fica sabendo ser mais facil prevenir que remediar).

Esse animal está tendo lá fóra mais uma aplicação útil.

Os ezércitos, nomeadamente o alemão e o francez, estão-se utilizando vantajosamente d'ele para a pesquisa dos feridos na guerra, e chamam-lhe por isso muito acertadamente «cão sanitario».

Desde 1908 que existe em Pariz a Sociedade Nacional do cão sanitario, que tem por prezidentes d'honra os Ministros da guerra, das colónias e da agricultura, e como socios honorarios a Sociedade da Cruz Vermelha, a Sociedade Canina de Pariz, o prefeito de policia e os directores dos serviços de saúde militar.

E' uma agremiação benemérita, porque dotou o

paiz de novos e notaveis meios de salvamento para aqueles que o servem.

O cão sanitario percorre com rapidez e fareja terrenos onde um homem, tendo a seu cargo igual serviço, não pôde quasi penetrar. Ali encontra os feridos, apropria-se de qualquer objecto que lhes pertença: um kepi, um lenço, etc., e vem com ele na boca procurar o maqueiro; êste prende-lhe ao pescoço uma corrente e é assim levado pelo animal em poucos minutos ao sitio onde se encontra o ferido.

Como os cães operam mais a expensas do faro que da vista, succede que em igualdade de circunstancias descobrem maior número de abandonados de noite que de dia.

Experiencias coroadas de bom êxito surpreendente mesmo, têm sido feitas em Bordeus em 1907; em Pariz e Nancy em 1908; em Cercotte e Fontainebleau em 1909; em Rouen, Pariz, Vincennes, Saint Claud em 1910; Rennes, Lyon, Pariz em 1911; Lille, Lyon, Tours nas grandes manobras de 1912.

Foi a seguir a estas manobras que o govêrno italiano inaugurou o seu canil militar, e que a Belgica e a Holanda encetaram trabalhos no mesmo sentido.

Em outubro d'aquelle ano o ministro da guerra com o Inspetor geral Traous-saint, director do serviço sanitario do ezército francez, assistiram a experiencias efétuadas em plena floresta; mais uma vez se constatou a enorme vantagem que tais cães irão proporcionar aos feridos se uma guerra surgisse. N'este caso, e em virtude dos estatutos, todos os cães em poder da Sociedade e dos socios, quando adestrados, serão entregues gratuitamente á autoridade militar.

O official francez M. Tol-

let escreveu um Manual para o ensino dos cães sanitarios; ali se preconiza a singeleza e a doçura no adestramento.

O major Rudler ensinou um cão de guarda em trez mezes; o médico Boppe, de Nancy, ensinou por seu turno uma cadela de caça, que indistintamente se adapta aos dois serviços, tão diversos de resto.

Madame Roger des Varennes diz sobre o assunto: «Os amigos dos cães verificarão com prazer que os seus tótos são cada vez mais uteis ao homem, que os associa a todas as suas acções, achando êsses animais o meio, quando tais acções são bárbaras (como a guerra), de lhes adoçar os efeitos».

E jornais sérios e circumspectos como um de Lisboa, que tanto riu e troçou dos cães policiaes quando em Pariz se inaugurou esse grande melhoramento, ezultarão por seu turno por se lhes deparar agora novo ensejo de chalar para gaudio dos seus frivolos consumidores.

E' triste constatar factos d'estes, que bem atestam a grande penuria moral que ainda caracteriza a sociedade portugueza.

Visto que falamos de tão preciosos animais não resistimos á tentação de publicar uma carta de Lamartine em que se fala sucinta mas eloquentemente d'eles:

O poeta recebeu um dia um bilhete assinado por certa dama idoza que, reduzida á última penúria, lhe propunha vender-lhe o seu cão por cem francos.

Lamartine respondeu-lhe: «Vender o seu cão é vender um pedaço do proprio coração; compral-o é comprar uma parte da sua vida. Eu não poderia fazelo sem corar e jámais gozaria com a posse de um ente que a senhora choraria. Quer o acazo que eu não possua n'este instante cem francos na minha bolsa mas vindé procurar-me domingo, ás 11 horas. Espero então que terei o di-

nheiro que precisais. Comprarei o cão, mas deixando-vos o uzofruto d'ele. 21 de abril de 1849.»

LUIZ LEITÃO

**Comentarios & Noticias****Ainda é pouco!**

Lisbôa como Aldegalega e Aldegalega como todas as cidades, vilas e aldeias do paiz, a questão dos abastecimentos é tratada pela mesma fórmula—servir o grande açambarcador, engrossar-lhe os cabedais. Em Lisboa diz-se que a moagem se tem negado a farinar o milho colonial que o govêrno arranhou para tapar a boca aos desgraçados que, fabricando bom, sujeitam-se depois a comer do que não presta. Em Aldegalega a versão é a mesma sobre o mesmo assunto—o sr. Dimas não quer moer o milho colonial que a comissão de abastecimentos dezeja dar a comer ao povo ou, para melhor dizer—á *besta humana*.

E não querendo os moageiros sujar as mãos das suas fábricas, que tem as comissões dos tais abastecimentos sujar e envenenar os estomagos dos desgraçados.

E tudo isto ainda é pouco! Cheguem lhe para baixo, que a *besta* ha de escouciar alguma vez!

**Parlamento**

A abertura do parlamento fôra adiada para amanhã, 4 do corrente; mas, como se suscitassem dúvidas, em consequencia do estado de sitio, o «Jornal da Tarde» de terça-feira passada, dizia o seguinte:

«O Parlamento deve reunir-se, de acôrdo com o govêrno que o informará do estado da ordem pública e poderá adiar as suas sessões».

«Reunido o Congresso, êste decidirá o que mais convém aos altos interesses do paiz».

**A pneumónica**

Um médico de Lyon (França) dr. Rafael Dulois, tem applicado, refere uma folha, a receita seguinte aos atacados pela influencia pneumónica e obtido resultados maravilhosos:

Pó de quina amarela (calysia) em pó impalpavel na dóze de 3 a 4 colheres de chá em café forte adoçado com açucar.

Será, eféctivamente, a receita eficaz no tratamento da influencia pneumónica? Os médicos que o digam.

**Magalhães ou Magalhães?**

O nosso presado colega de Alenquer, *Damião de Gois*, conta, que um tal Luiz de Magalhães, delegado do Directorio do Partido Republicano Portuguez e por ele encarregado da organização do mesmo partido n'aquelle concelho, foi ali preso ha dias qor motivos de ordem pública e re-

metido para Lisboa onde foi internado n'um forte. Uma vez ali, escreveu um documento em que, no seu repugnante papel de denunciante, declarava ter visto atirar uma bomba e disparar muitos tiros por occasião da condução dos presos do govêrno civil para um forte, declarando mais a SUA ADESÃO AO GOVERNO! O *Damião de Gois* acha nojento o facto, no que lhe damos toda a razão, e diz que se a ele se refere é unicamente para chamar a atenção dos jornais democraticos e do Directorio do Partido Republicano Portuguez, que teve, acrescenta, a leviandade de, por intrigas do tal Magalhães, irradiar um velho, intransigente e firme republicano, sem o ouvir, dissolver uma comissão composta de velhos democraticos e dar a sua confiança a um bandalho.

Em toda a parte, colega, ha magalhães d'esse estófo que nós de ha muito classificamos de *Magalhães* e que se os não houvesse a envenenar tudo e todos, não chegaria a Republica a ser dirigida por monarchicos.

**A paz**

Já não pôde reatar dúvida a ninguém de que a vitória das armas aliadas é realmente um facto e, além d'isso, temos a acrescentar a nota alemã em resposta ás perguntas do presidente Wilson, á qual a Alemanha se submete a todas as condições formuladas pelo 1.º ministro norte-americano, tendo já mandado recoller todos os submarinos e procedido á evacuação dos territorios invadidos da França e Belgica, para assim se proceder ás negociações da tão almejada paz.

Oxalá que ela se realise dentro de curto espaço de tempo, o que nos custa muito a crer.

**Os estragos da pneumónica em Canha.—Mais obitos devidos á epidemia.**

A juntar aos 41 obitos que originaram ficar na orfandade 52 crianças, temos mais o seguinte:

Carolina Maria, (citada já no número passado) deixou 6 orfãos. Agora temos: Justiniano Nunes, Gracinda Maria, Brites Giga (deixou 6 orfãos), Joaquim Domingos (deixou 3 orfãos), Custodia Roza, Maria Roza Caramela (deixou 2 orfãos), Custodia Rilvas, Joaquim Jeronimo, Mariana Roza (deixou 5 orfãos), Crina Maria de Oliveira (deixou 1 orfão), um filho d'esta, Rozaria Grila, Violante Justa Rita, Maria Constancia, Ana Maria (deixou 3 orfãos), Maria Emilia de Almeida, Bazelliza da Costa Santos, Joaquim Sampaio, Maria Cabaça (deixou 1 orfão), um filho desta; José Maria Vicente, Possidonio José Pinho, Joaquim Caracol, Joaquim Mendes, Antonio Lourenço Clemente, Adelino Bunheira, Domingos Vilelas (deixou 3 orfãos), An-

tonio Custodio, Augusto Neves, Joaquim Oliveira. Total: óbitos, 71; orfãos 77, sendo 18 de pai e mãe.

### A grande guerra

Um telegrama de Londres diz que relativamente á conferencia dos homens de Estado e outras personalidades aliadas, em Paris, a Agencia Reuter informa que se não deve supor que n'ela se occuparão simplesmente das propostas de armistício.

Na conferencia tratar-se-hão grande número de assuntos e, entre eles, as medidas que assegurem a continuação, com vigor, da guerra, se fôr necessario.

### Pão, Paz e Liberdade!

Eis a trilogia amada de todo o bom e honrado cidadão no actual momento de Fome, Guerra e Opressão! Eis o que todos clamam! E d'este rouco clamar puchado de peitos gastos e sahido de gargantas cançadas ri-se, a bom rir, ás gargalhadas, a burguesia infame, refeita de todas as suas comodidades e abastanças!

E' fartar, vilanagem!

O Povo saberá um dia conquistar o pão, a paz e a liberdade a que tem direito, porque é Ele quem tudo produz.

### Doze dias morto

E' tal a barafunda com os successivos casos da influenza pneumónica que em Pégões, freguezia de Canha, d'este concelho, morreu um homem de nome Possidonio José de Pinho que por não haver quem o levasse para a séde da freguezia, ali esteve doze dias morto, depois dos quais as autoridades o mandaram sepultar no proprio local onde se encontrava—no meio da charneca—onde falecera sem socorros de qualquer espécie.

### O pão

Como a vida cada vez está melhor para aqueles que só do trabalho vivem, a *benemerita* comissão dos abastecimentos... de sua casa e dos amigos resolveu elevar o preço do pão para cincoenta centavos cada quilo... de oitocentas gramas.

Ontem deram-nos pão de milho a 22 centavos e fala-se que por estes dias nos darão de bichos com o nome de milho que até os suínos se negam comer. Que filantropos!

### Monte-pio Conceição

Sr. Director:—Como preludio para a defeza da minha pessoa, das acusações que me têm sido assacadas desde que foi feito o arresto ao Monte-pio Conceição, peço a v. a publicação do documento junto que conjuntamente com os já publicados e com outros que farei publicar, se a pneumónica não me roubar do número dos vivos, e v. assim o permitir, formará o alicerce em que a minha defeza será acente não só da pública como até da particular em todas as minúcias.

Não perdem pela demora os detractores, porque a biografia lhes será deliniada para que a gente séria da nossa terra possa dar o seu verdictum acertado e unico da conduta do acusado e dos acusadores não ignorados.

Sou de V. José Ribeiro Brandão.

Il<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente do Tribunal Arbitral das Associações de Socorros Mutuos de Lisboa:—O abaixo assinado, escriptorio e socio N.º 150 da 4.<sup>a</sup> secção da Associação de Socorros Mutuos Monte pio Nossa Senhora da Conceição, da vila de

Aldealega do Ribatejo e na referida vila residente, chegando ao seu conhecimento que em enfermias assembléias gerais da associação supra, cujas tiveram lugar em seis de Maio, vinte cinco de Junho e trinta de Julho do corrente ano a sua reputação como seu empregado ali andou em almoeda a ponto em uma d'essas assembléias ser deliberado a sua demissão de escriptorio e expulsão de socio.

E para confirmação do exposto e segundo a faculdade do § 3 do art.º 22 do decreto de 2 de outubro de 1896, enviou ao respectivo primeiro secretario os requerimentos que junta cópias, solicitando das actas das assembléias com as datas acima citadas assim como relação de todos os socios que a essas assembléias assistiram, as competentes cópias.

E não tendo sido até ôje dado pelo mencionado secretario execução ao requerido. E não sendo por ignorancia da lei, pois que o requerente no seu primeiro requerimento citou o art.º da lei a que tal se obrigava; e estando o requerente altamente convencido, o não se ter dado execução ao requerido e por má fé, afim que o requerente não tenha base para que formule concretamente o seu recurso contra tais deliberações.

E não querendo o requerente prescindir das respectivas cópias para bem fundamentar o seu recurso para o Tribunal Arbitral, faculdade que lhe é concedida pelo § 1 do art.º 22 do já mencionado decreto de 2 de outubro de 1896.

Vem o requerente, pelo o que deixa exposto, implorar de V. Ex.<sup>a</sup> a alta justiça de que ao requerente lhe seja enviado o requerido assim como torna a liberdade de chamar toda a vossa atenção para a alinea b) do art.º 34 do mesmo decreto de 2 de outubro de 1896, afim de servir de exemplo para quem mira o desrespeito da lei e o prejuizamento do seu semelhante!

Do que fica aclarado o requerente E. R. J.—Aldealega do Ribatejo, 28 de outubro de 1918. —José Ribeiro Brandão.

### A epidemia

Subscrição aberta n'esta vila a favor dos epidemiados pobres de Aldealega, cujo tratamento começou já a fazer-se no Azilo de S. José:

Izidoro Maria de Oliveira 200\$00, Francisco Freire Caria Junior 200\$00, Diogo Rodrigues de Mendonça 100\$00, Cristiano Rodrigues Mendonça 100\$00, Antonio Gouveia Dimas Junior 30\$00, Antonio Carlos Barreiras Sobrinho 40\$00, Diogo Rodrigues de Mendonça Junior 20\$00, Joaquim Manuel Salazar Leite 20\$00, Antonio Pereira Duarte 20\$00, João Tavares Bastos 20\$00, José Maria de Mendonça 20\$00, Francisco da Costa Rodrigues 50\$00, José Antonio Cartaxo 50\$00, Henrique Caetano 20\$00, José Maria Iça 20\$00, Miguel de Sousa Rama 30\$00, Antonio Joaquim Relogio 30\$00, Antonio Luiz Salgado 20\$00, José Fernandes Repas 50\$00, Vinva Giraldo 25\$00. Soma 1:065\$00.

(Continúa.)

### Pêsames

Enviámos os, muito cinceros, ao nosso velho amigo e prestante correligionario de Canha, Sr. Pedro Bernardino dos Santos, pelo faecimento de sua estremeida esposa, ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Bazeza da Costa Santos.

### José Estevam Coelho de Magalhães

Faz ôje 56 anos que morreu este grande orador, grã-mestre da maçonaria portugueza e fundador do Azilo de S. João. Foi um valente soldado nas campanhas da liberdade.

### João Quaresma

Faleceu sêsta feira passada vítima da pneumónica, o estimado veterinario nosso conterraneo, sr. João Quaresma da Silva. O seu funeral realisou se no mesmo dia ás 20 horas.

### Assucar

Já ha assucar. Mas d'esta vez só poderá conseguil-o quem estiver atacado da pneumónica. Até aqui todos fugiam do terrivel flagelo, agora todos o quererão só para andarem com os beiços dôces. E ainda dizem que isto não vai bem!

### CORRESPONDENCIAS

**Samouco, 25-10-1918.**—Faleceu n'esta freguezia vítima da pneumónica, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Delmira Huerta Alves, cujo funeral se realisou civilmente.—C.

**Canha, 1-11-1918.**—O nosso correligionario e prezado amigo Manuel José Salgueiro ofereceu á *Sociedade de Beneficencia Mario Salgueiro*, d'esta vila, 200 escudos para serem distribuidos pelos orfãos e convalescentes da actual epidemia que careçam de socorros. A Direcção d'esta sociedade constituiu-se em comissão e vai angariar donativos para igual fim.

—A Misericordia d'esta vila, cujo hospital está atacado de enfermos da actual epidemia, tendo camas em todas as dependencias, tem distribuido pelos pobres todos os medicamentos gratuitamente. O respectivo clinico, nosso correligionario Dr. Lourenço Gonalves Rita, cuja actividade é digna de louvores, tem sido infansavel no desempenho da sua missão. Em toda a freguezia está calculado em 700 o número de enfermos.

—A administração da Misericordia para fazer que está fazendo, officio ao director geral de saude, sr. dr. Ricardo Jorge, mostrando-lhe a situação angustiosa em que tudo aqui se debate e pedindo um subsidio que permita a esta instituição rezistir á actual calamidade.

Tambem officio aos proprietarios e lavradores d'esta freguezia pedindo donativos, tendo contribuido já os srs. Manuel José Salgueiro com 70 escudos e 3 sacos de trigo; Tomaz Boleto Ribeiro Martins 50 escudos, 2 alqueires de feijão, 2 alqueires de grão e diariamente uma bilha de leite para o hospital; Antonio Teixeira 50 escudos e a carne precisa para alimentação dos doentes do hospital enquanto durar a epidemia; Alfredo Toscano 20 escudos; José Luiz da Cruz 20 escudos; Diogo Mendonça 5 escudos; Dr. Cardoso de Lemos 50 escudos; Dr. José Dias da Cruz 15 escudos. A Misericordia a todos tem dirigido agradecimentos.

—A Junta de Paroquia em virtude de um só coveiro não chegar falou a um indiyiduo a quem paga 1\$80 para abrir covas por conta da propria junta. Esse homem ajuda a conduzir do hospital para o cemiterio os cadáveres. Pois a Junta exige da Misericordia, que é uma instituição para os pobres não só o pagamento do enterro dos indigen-

tes como essa condução, que é de um escudo. Isto na actual conjuntura representa um verdadeiro crime. Quando todos auciliam, n'este momento, a Misericordia, a Junta trata de a explorar, fazendo negocio com os mortos. Isto não se faz!

—A Junta, em virtude do cemiterio estar cheio, rezolveu alargal-o imediatamente.—C.

### ANUNCIOS

### AGRADECIMENTO

Cristiano Belo, Emilia da Conceição, Cristiano Belo Junior e Amelia Tavares Castanheira vêem, por este meio, muito reconhecidamente, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua derradeira morada os restos mortais de seu chorado e nunca mais esquecido filho e irmão Antonio Cristiano e bem assim a todas aquelas que se interessaram, durante a pertinaz doença, indo ou mandando saber do seu estado.

A todas, emfim, protestam a sua inolvidavel gratidão.

Aldealega, 26 de Outubro de 1918.

**CARROÇA** e parelha de gado muar de meia idade e todos os utensilios de carroça, vende, no sitio da Lançada, Constantino de Carvalho.

### PURQUEIRA

O melhor adubo para sementeiras de fava, trigo, centeio e batata é a conhecida e acreditada purqueira composta com farinha de tremôço. Vende-se em sacas de cinco arrôbas ao preço de 8\$700 réis, em casa do sr. Pedro dos Santos Correia, rua do Cais—MOITA.

N. B.—Cada saca regula para um alqueire de trigo. 900

### A UNIÃO LISBONENSE

J. Rodrigues, L.<sup>da</sup>

Amplamente bem sortido estabelecimento de Modas, Fanqueiro, rouparia e muitos outros artigos.

Preços sem competência e ao alcance de todos

O seu proprietario pede uma visita á

41, R. DA PRAÇA DA FIGUEIRA, 42

LISBOA

Recbe encomendas de todos os artigos. 877

### VENDE-SE

Motor a gasolina 4 HP e uma bomba rotativa.—Nunes Costa.—Aldealega.



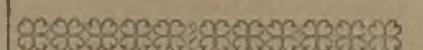
**ALCOOL DE VINHO**  
Rectificado, de 96 graus garantidos.

Fabrica de

**GREGORIO GIL**

n'esta vila.

Mais ninguem de Portugal pode garantir aos Ex.<sup>mos</sup> freguezes um alcool tão puro, izento de ólios e éteres e com tão alta graduação. 943



906

Um livro util ao comercio

**MANUAL**  
DE  
**CORRESPONDENCIA COMERCIAL**  
em

Portuguez e inglez por Augusto de Castro.

Entre os diversos livros da mesma índole que ha publicados, nenhum como este está ao alcance de todas as inteligencias, nenhum é de tão facil assimilação.

O negociante, o guarda-livros, o mais simples empregado no comercio n'ele encontrarão um guia e explicador seguro que lhes garante adquirir dentro de pouco tempo um conhecimento muito apreciavel da lingua ingleza.

1 volume brochado \$40.

Biblioteca do Povo

H. B. Torres — EDITOR

R. de S. Bento, 279, LISBOA